

DF CORREIO Descaracterização ronda Brasília

Luís Cláudio Alves

O crescimento rápido de Brasília tem gerado preocupações quanto à preservação da cidade em sua concepção original. Os "jeitinhos" encontrados por alguns para driblar os problemas urbanos que a cidade vive promovem lentamente uma descaracterização da proposta revolucionária do urbanista Lúcio Costa. Arquitetos, urbanistas e a primeira geração de adultos nascida em Brasília têm pela frente um desafio: como contornar os problemas urbanos sem ferir a concepção urbanística original da cidade?

"Brasília não é mais apenas o centro do poder. Ela é muito mais do que isso. Seus moradores dão muito valor à liberdade e à qualidade de vida. Não creio que os brasilienses permitirão a descaracterização da cidade", avalia a arquiteta Maria Elisa Costa, filha do criador da cidade e membro do Conselho de Arquitetura, Urbanismo e Meio Ambiente (Cauma). Ela considera as pequenas alterações que vêm sendo implementadas na cidade um perigo para o Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade.

Maria Elisa diz que a preocupação com o futuro é válida, mas ressalta que confia na mentalidade do brasiliense para conservar as qualidades da cidade. "Essa geração tem um vínculo muito forte com os amplos espaços e a concepção arquitetônica da cidade. Além disso, o título de Patrimônio da Humanidade implica em mecanismos legais de preservação".

Para Maria Elisa, a solução é o estudo da origem desses problemas. "É necessário objetividade, precisamos verificar o que realmente se constitui um problema e tentarmos solucioná-lo sem ferir a idéia básica de Brasília", explica. Ela acredita que o traçado urbanístico da cidade proporcionou uma qualidade de vida ao brasiliense muito superior a de qualquer outro lugar do País.

Conscientização — "Acho válido começarmos a discutir o futuro da cidade quando temos o primeiro governador eleito e uma Câmara Legislativa que elaborará nossa Lei Orgânica", analisa a arquiteta. Maria Elisa vê a conscientização como o fator mais importante para a manutenção dos pontos positivos da concepção original da cidade.

Apesar de um certo clima favorável à preservação da cidade, silenciosamente e rapidamente e em conta-gotas algumas mudanças vêm sendo empreendidas na cidade, mandando os gabaritos oficiais para o "espaço". O CORREIO BRAZILIENSE publica, já com certa regularidade, reportagens sobre estes desvios. Temos como exemplos a abertura de estacionamentos em áreas verdes; a construção do sétimo e até oitavo andares em prédios onde o gabarito só permite seis pavimentos; a alteração da destinação de áreas culturais e de lazer para comerciais; os vários tipos de invasões de áreas públicas residenciais e comerciais entre outros.

Planejamento — Na visão do presidente do Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB), seção DF, José Roberto Bassul, Brasília carece desde sua criação de uma política de planejamento urbano. Para ele, há uma contradição em relação à criação da cidade. "Brasília foi uma cidade projetada, consagrando, na essência, as grandes teses da época para solucionar as mazelas de outros centros urbanos. Mas ela nunca foi uma cidade planejada, no sentido de antecipação das situações problemáticas previsíveis".

Bassul ressalta a diferença existente entre projeto e planejamento. "O planejamento é o projeto em constante evolução. O melhor exemplo que temos de cidade planejada é Curitiba, onde o padrão de vida é comparável às melhores cidades do mundo". Segundo o arquiteto, a gestão urbana de Brasília não foi planejada. "Seu crescimento foi acompanhado por mudanças incrementalistas que atendiam a momentos e interesses específicos".

De acordo com Bassul, os problemas decorrentes dos adensamentos populacionais, do saneamento e dos transportes são resultados da falta de planejamento. "Entre as grandes cidades brasileiras, Brasília é uma das poucas que ainda não tem um instituto de planejamento". O presidente do IAB/DF avalia o Plano Diretor como o instrumento básico de planejamento urbano da cidade. "Deveremos buscar um processo democrático de planejamento, montando uma política que se antecipe aos problemas".

Preservação — "A preservação de Brasília é um grande desafio e o fato de ela ser Patrimônio da Humanidade só aumenta a responsabilidade", analisa o gerente de Projetos e Restauração do Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do DF, Carlos Madson. Para ele, a questão que mais preocupa técnicos e cidadãos é a perda da qualidade de vida. "A sociedade deve ser estimulada a discutir o assunto e a desobediência às normas existentes deve ser combatida", defende Madson.

CARLOS SILVA



Brasília, que foi tombada como Patrimônio Histórico e Cultural da Humanidade, convive com muitas distorções, por ser uma cidade jovem, que ainda tem muito o que crescer

ISAAC AMORIM



Para o administrador há casos que precisam ser estudados com cuidado. Os dois mais graves problemas são as invasões de áreas públicas e o uso de grandes áreas verdes para a construção de estacionamentos

ANTONIO CUNHA



Tombamento traz dificuldades à administração da cidade

O administrador de Brasília, Haroldo Meira, admite que administrar uma cidade tombada como patrimônio histórico e cultural da humanidade é muito complicado. "As outras cidades tombadas são antigas e não têm condições de crescimento e nem necessidade, mas Brasília ainda é uma cidade muito jovem e que ainda crescerá muito. Conviver com o tombamento às vezes é uma situação complicada", argumenta ele.

Meira sugere uma ampla discussão do problema através de um Plano Diretor,

com a participação dos órgãos diretamente envolvidos, representantes da comunidade e técnicos. Para ele, em alguns casos, se o tombamento for rígido demais a cidade será inviabilizada. "Os casos precisam ser estudados com cuidado. Esta questão tem que ser muito bem discutida. Temos que definir o que pode e o que não pode ser alterado".

Para Meira, o mais importante deve ser a manutenção da qualidade de vida em Brasília. "Todo esforço para garantir nossa qualidade de vida é válido". Ele justifica essa qualidade de vida dizendo que cada brasiliense conta com cem metros quadrados de área verde, enquanto que em São Paulo só existem dois metros quadrados de verde por habitante. "O recomendável pelos organismos internacionais são 25 metros quadrados por habitante. Mas temos que encarar a

nossa fração como algo a ser preservado, sob pena de perdermos em qualidade ambiental", defende.

A futura Lei Orgânica e a discussão do Plano Diretor da cidade, segundo Meira, são instrumentos que poderão detalhar em que condições os gabaritos da cidade podem ser transformados para solucionar graves problemas urbanos. "Só o detalhamento das normas de ocupação das áreas em Brasília vai evitar que a concepção original não se perca com o tempo", prevê Meira.

Bom-senso — para o presidente do Instituto Histórico e Geográfico do DF, Adirson Vasconcelos, o bom-senso é o "santo remédio" para contornar os problemas urbanos sem ferir a originalidade da cidade. "Não devemos ver esta situação apenas por um ângulo. Entendo que a busca de soluções para os desequilíbrios urbanos passe pelos administradores, urbanistas, arquitetos, sociólogos, historiadores, ambientalistas e principalmente pela comunidade, sugere ele.

O historiador, em Brasília desde 1957,

acha que a evolução é inevitável, mas confia na resolução dos problemas sem agredir a estrutura básica da cidade. "Brasília não é estática, pelo contrário, é bastante progressista. Por isso, as reformas que visam o desenvolvimento e o bem-estar da comunidade são fundamentais".

Vasconcelos vê alguns interesses comerciais e a especulação imobiliária como um perigo, mas acredita na "cultura preservacionista" do brasiliense. Ele alerta que a discussão deve começar agora, "pois se não forem tomadas medidas rapidamente, as pequenas alterações que hoje vemos vão se transformar num mal maior".

Adirson Vasconcelos é favorável à alteração de gabaritos na cidade, "desde que seja absolutamente necessário e sem radicalização". Para ele, as improvisações são tão prejudiciais quanto as turpações do plano original da cidade. "Temos que partir para soluções duradouras que sobrevivam ao tempo", defendeu.